“Cena sequência final”

Primeira página

Carolina amarra Mélita
Castigas a quem te ama
À própria morte sorris
És como a língua da chama
Que queima tudo o que diz.

Mélita abandonada às abelhas
Em berço de mau agouro
Nome de mel te fadou
Teu corpo, pobre tesouro
A todos (tudo) se abandonou.

1º vôo e transe
Desde que o mundo é mundo
Crescem asas à paixão
Pois o desejo profundo
Não tem raízes no chão.

1º vôo e transe
Asas do bem e do mal
Justiça sobre-humana
Não se julga em tribunal
O crime de quem se dana

Assassínio
1) Nem
Toda a água do rio
2) Pois
1) Pode
Lavar a ferida
2) Não pode
Duma mulher mal-amada
De seus amantes traída

Assassínio
Todos somos assassinos (assassínios)
A hora faz o ladrão
Em nossos tristes destinos
Só o demónio tem mão.

Planos subjectivos do vôo
Rio de dentro e de fora
Corre veloz no meu leito
Que o coração sabe a hora
De fazer explodir o peito
Segunda página

Planos subjectivos do vôo
No mapa do coração
Corre um rio proibido
Como na palma da mão
O fundo anda – escondido
- Perdido

Carolina busca Zé dos Ouros
José não fujas à sina
Que teus olhos desvendaram
Pois as mãos de Carolina
Já de sangue se pintaram

Onde vais, Zé das viagens
Vendedor de ilusões?
Nada serve de barragem
À corrente das paixões!

Aonde vais, Zé da Mala
Pelas mulheres cobiçado?
Hás-de ver cumprir-se a fala
Do sangue ressuscitado.

Zé e João lutam
De nada vale lutar
Por outo, ódio ou amor
Quando já paira no ar
O pássaro vingador

Os homens pequenos são
Em seus braços lutadores
Morre a chama da ambição
Só resta o pó dos amores

Em busca do carro caído ao Rio
Onde vais, rio do inferno
Caudal de sangue raivoso
Mal de amor será eterno
No teu fundo tenebroso.

Terceira página

Mélita entra na água
Menina na flor da idade
Da outra banda é chegada
A barca da mocidade
Toda de negro pintada

Carolina e o sangue/Pintura do quarto

O oiro do rio
Sangue azul não é
É sangue vermelho
Melhora de velho
Arde como cio
Que nos traz de pé

Outro metro/redondilha menor

(Parte 2 piquenique/afogamento) O "destino" fala da gravidez da Mélita
Moça da pança empinada
Não laves os tornozelos
Quando foste desonrada
Não tiveste tantos zelos.

Moça da pança empinada
Não botes veneno à água
Que é pena mal empregada
Ferver em tão pouca mágoa.

Moça de barriga inchada
Mal te fica a sisudez
Não faças a conta errada
A quem te tirou os três.

Quarta página

Piquenique/Barco negro

Sono Solto, boda farta
Velha noiva, mãe menina
No rio uma barca negra
Vem assombrar Carolina

Sombras, vozes do passado
Que a vós a vida moldais
Deixai dormir sossegado
O destino dos mortais